



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade simultânea de início do Mutirão Arco Verde Terra Legal nos estados de Mato Grosso, Pará e Rondônia

Alta Floresta-MT, 19 de junho de 2009

Eu, sinceramente, cada vez que venho a um ato, em qualquer lugar, eu acho que o povo brasileiro não tem similar, não tem igual, porque a paciência de vocês de ouvir a quantidade de discursos que vocês estão ouvindo é uma atitude nobre de vocês. Blairo, é uma coisa extremamente carinhosa a gente saber que tem uma parcela do povo brasileiro que está disposta a discutir... Eu também amo vocês.

Então, eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro, companheiro de verdade, o companheiro Blairo Maggi, governador do Mato Grosso,

O nosso querido Eduardo Braga. Como está tendo enchente lá no Amazonas, eu preferi trazê-lo aqui... Ele estava em Brasília, eu pedi para ele vir aqui. Gentilmente ele veio porque é meu amigo, é amigo do Blairo.

Cumprimentar o companheiro Ivo Cassol, do estado de Rondônia,

Cumprimentar a nossa companheira Ana Júlia Carepa, nossa querida companheira governadora do estado do Pará,

Cumprimentar os ministros que estão aqui comigo, o companheiro Pimentel, da Previdência; o companheiro Minc, do Meio Ambiente; o Guilherme Cassel, que está no Pará com a Ana Júlia; o companheiro Marcio Fortes, das Cidades, que está lá com a companheira Dilma Rousseff, a companheira Dilma; e devem ter outros ministros lá com a companheira Dilma. Sabe o que acontece, Blairo? Sabe o que acontece? Vai terminando o tempo do mandato, as pessoas já vão correndo atrás de quem pode ser a futura presidente. Então, tem mais ministros com ela do que comigo aqui. O que eles não sabem é que



eu ainda tenho o peso da caneta. O Gregolin está lá com ela também, o ministro da Pesca. O Ministério da Pesca foi criado, finalmente aprovado pelo Congresso Nacional.

Eu quero cumprimentar a nossa querida Maria Izaura Dias, prefeita de Alta Floresta, em nome de quem eu quero cumprimentar os prefeitos de Belém, quero cumprimentar os prefeitos que estão aqui e quero cumprimentar o nosso querido prefeito lá de Porto Velho. Roberto, você está ao lado da Dilma, dê um recado aí. Eu não sei se alguém falou, mas finalmente eu estou aqui com o presidente do Incra, o companheiro Rolf. Aliás, estou aqui com o Paulo Okamoto, presidente do Sebrae, estou aqui com o presidente do Ibama, mais vários deputados federais, senadores. Eu queria dizer, Roberto, que hoje, aquela promessa que nós fizemos de entregar os títulos de terra para aquele povo que mora na periferia de Porto Velho, a Dilma está aí para anunciar isso. Se ela não anunciou, dê a palavra novamente para ela quando eu acabar de falar, para ela anunciar a entrega dos títulos de terra, que estavam no Incra, para o povo que mora em Porto Velho.

Blairo, meu querido Eduardo Braga, meu querido povo de [Alta] Floresta, companheiros e companheiros da imprensa. Eu vou ser muito breve porque já é meio-dia e eu acho que nós temos que ter o mínimo de compreensão de que nem água vocês tinham, aqui na frente. Sabem que eu descobri que vocês estavam sem água quando me trouxeram um copo d'água. Eu fiquei pensando: eu estou na sombra e estão me trazendo água, e o povo que está no sol? Então, o companheiro Blairo se encarregou de dar ordem aqui, deve ter acabado toda a água do supermercado em [Alta] Floresta, porque finalmente chegou a água.

Mas eu queria dizer aos companheiros que estão com uma faixa ali, pedindo assentamento lá em Carlinda. Eu acabei de conversar com o companheiro do Incra, aqui. O dinheiro já foi depositado, tem uma pendenga com o proprietário e neste mês deve estar regularizado, e vocês finalmente vão



poder ter a terra de vocês.

Mas eu queria, companheiros e companheiras, utilizar meia dúzia de minutos com vocês, falar com essa moça bonita que está de Ray-Ban, eu nem sei como é o rosto dela porque o Ray-Ban é tão bonito que a gente fica olhando para o Ray-Ban. Mas eu queria dizer para vocês que o que está acontecendo hoje aqui em Alta Floresta, o que está acontecendo lá em Rondônia, o que está acontecendo lá no Pará, é uma pequena revolução de procedimento do governo federal, do governo estadual e do governo municipal. E o Blairo tem razão, nós não podemos nunca nos esquecer de que nos anos 70 foi feita uma reforma agrária neste país e que muita gente foi induzida a vender as pequenas propriedades que tinham, ou mesmo aqueles que não tinham, no Sul do país, e se embrenharam por este Brasil afora para construir cidades como Alta Floresta.

Hoje é fácil a gente vir aqui e fazer críticas, mas a gente não sabe quantos pegaram malária aqui, a gente não sabe quantos morreram de picada de cobra e não tinha um médico a 100 quilômetros de distância. A gente não sabe quantas crianças entraram na escola tardiamente, porque as pessoas vinham, faziam barracos e ficavam muitos meses nos barracos.

Eu fico com orgulho quando vejo um cidadão que tinha 50 hectares de terra no Rio Grande do Sul. Hoje ele tem 2 mil hectares, tem casa, tem carro e está vivendo de forma... bem de vida, porque produziu, porque trabalhou, porque comeu “o pão que o diabo amassou”. Eu vejo isso como eu vejo... tem gente que acha que o Kaká ganha muito. O Kaká não ganha muito. Esses jogadores são meninos pobres, ficam famosos, ganham muito dinheiro e eu fico orgulhoso de ver as pessoas vencerem na vida, eu fico orgulhoso. E só vence na vida quem trabalha, só vence na vida quem, efetivamente, persevera, só vive [vence] na vida quem tem amor àquilo que faz. Então, eu queria dizer desse reconhecimento.

Ninguém pode ficar dizendo que ninguém [alguém] é bandido porque



desmatou. Nós tivemos um processo de evolução, e nós, agora, precisamos remar ao contrário. Nós temos que dizer para as pessoas que se houve um momento em que a gente podia desmatar, agora desmatar joga contra a gente, vai nos prejudicar no futuro, porque empréstimo internacional não sai, porque quando o Blairo for exportar a soja dele, o comprador na Alemanha, o comprador vai dizer “Ah, é da região da Amazônia, que está destruindo?” “É”. “Então, não vamos comprar”. Então, hoje, preservar é uma vantagem comparativa para nós. Hoje, em vez de a gente dizer “não pode cortar árvore”, nós temos que incentivar e pagar para as pessoas plantarem as árvores que nós achamos que precisa plantar. Por que a gente não refloresta este país, e as pessoas receberem [recebem] por aquilo [isso]?

Outro dia eu vi na televisão, lá em Minas Gerais, aquele fotógrafo, o nosso careca, o Sebastião Salgado, fazendo um modelo de fazenda que tem em Nova Iorque. Todos os pequenos produtores de Nova Iorque, todos – vocês viram também no Globo Rural – recebem dinheiro da prefeitura para não poluir os córregos que passam na casa deles e que vão levar água para as pessoas de Nova Iorque beberem. Ora, se um cidadão tem um sítio e eu quero evitar que a vaca faça cocô ou xixi naquela “aguinha” que ele tem, se eu quero evitar que os porcos vão lá, o que eu tenho que fazer? Pagar para que ele possa colocar a vaquinha em outro lugar, para que ele [possa] colocar o porco em outro lugar, mas ele tem que receber. Ele tem que receber pelo benefício que ele está fazendo para a comunidade.

Então, é isso o que nós precisamos fazer. Tem que mudar a cabeça do governo, mudar a cabeça do prefeito, mudar a cabeça do governador, mudar a cabeça do produtor, mudar a cabeça dos advogados, mudar a cabeça de todo mundo, para que este país seja destravado de uma vez por todas, e este país possa viver condignamente, decentemente, sem ninguém precisar morrer por causa de um mingado pedaço de terra, como acontece hoje.

Por isso é que nós vamos regularizar. Eu vou dar um testemunho aqui.



Eu vou pegar dois exemplos. Eu fui visitar uma fazenda do companheiro Blairo, e eu vi uma diferença. Todas as matas ciliares, em todo o transcurso do rio, estão preservadas, e você vê a água verdinha lá dentro, azulzinha. Tem até... quando tem... não sei se é cal, caulim, sei lá o que é, uma pedra branca, [que] você vê a água azulzinha. Aí você passa em outra fazenda, o cidadão desmatou toda a margem do rio, e aí começa a ter erosão. Ele próprio vai perder. Nós temos 60 milhões de hectares de terras degradadas neste país. Sessenta milhões de hectares de terras degradadas, que nós precisamos... Eu já propus ao companheiro Minc, já propus ao Guilherme Cassel, já propus ao Reinhold Stephanes de a gente fazer um grande programa de florestamento [reflorestamento] dessa área degradada, plantar madeira para as pessoas venderem, plantar biodiesel para as pessoas ganharem dinheiro. O que a gente não pode é ficar apenas brigando, em vez de sentar e encontrar a melhor solução que possa agradar a todo mundo.

Agora vai ter a Convenção do Clima em Copenhague. Todo o mundo vai estar lá, todo o mundo vai estar lá, todos os países. E se a gente não tomar cuidado, todo mundo vai dizer que o Brasil tem que cuidar da Amazônia, porque a Amazônia é o pulmão do mundo e que o Brasil está desmatando, que o Brasil está queimando e que o Brasil “não sei das quantas”. E podem começar [a colocar] restrição, podem começar a colocar restrição à carne brasileira, podem começar a colocar restrição à soja brasileira, podem começar a colocar restrição ao milho brasileiro, podem colocar restrição ao crédito do Brasil. Então, nós temos que dizer para eles: “primeiro, não metam o seu nariz no nosso terreiro. A Amazônia é nossa”. E nós queremos preservar a Amazônia porque nós temos noção, nós temos noção de que preservar a Amazônia hoje é a gente garantir que os nossos filhos e os nossos netos possam viver em um mundo pelo menos igual ao que nós estamos vivendo. Porque se a coisa continuar do jeito que está, com o aquecimento global, nós estamos vendo coisas acontecendo no mundo: está voltando a ter enchente



em lugares que há 100 anos não tinha enchente, está tendo seca onde nunca teve seca, está ficando deserto onde tinha muita água e está ficando cheio de água onde nunca teve água. Alguma coisa o homem lá de cima está falando: “Olha, eu criei o mundo para vocês viverem, mas se vocês estiverem estragando o mundo que eu dei para vocês, vocês vão ser vítimas”. Jesus já se permitiu morrer uma vez para nos salvar. Agora nós temos que criar juízo e cuidar de nós mesmos.

Então, não é incompatível a política de preservação ambiental com a política de desenvolvimento sustentável. O que nós queremos é que sejamos razoáveis, para que ninguém possa acusar o Brasil de nada. E por isso nós vamos regularizar. São quase 300 mil títulos de terra, companheiro que tem 1.500 hectares, companheiro que tem 700 hectares. Nós temos que legalizar para ele ter o documento pregado na parede da casa dele. Quando alguém chegar lá, ele vai dizer: “é minha essa terra”. Quando ele entrar no Banco do Brasil para pegar um empréstimo, ele vai ter o empréstimo. Quando ele for comprar um trator ele vai ter financiamento. Por quê? Porque o que dá cidadania para a gente é o título da casa em que a gente mora, é o título da terra que a gente tem. Ou seja, as pessoas vão ficar cidadãos de verdade.

Por isso, companheiros, eu acho que este dia é extraordinário. Eu quero agradecer, inclusive, o comportamento do companheiro Blairo Maggi, porque o estado do Mato Grosso do Sul... do Mato Grosso... na verdade, os dois estados. Tanto o Mato Grosso quanto o Mato Grosso do Sul eram acusados como os estados que mais desmatavam. Eu, há mais de um ano, estou dizendo aos meus companheiros que em vez de a gente ficar xingando, em vez de a gente ficar brigando, em vez de a gente ficar acusando, é muito melhor a gente reunir os prefeitos das cidades que mais têm queimadas no mundo, ou melhor, no Brasil, e a gente chamar para Brasília, sentar. Os prefeitos têm reivindicações para fazer, porque se a gente quer que eles façam as coisas, eles têm o direito de falar: “Presidente, nós faremos isso, mas nós precisamos



disso, disso, disso e disso para que a gente possa fazer um jogo combinado, para que a gente possa fazer um jogo combinado”. Então, eu queria dizer, Prefeita, eu estou indo agora... no dia 07 eu vou para o encontro do G-8 lá na Itália, vou ficar lá nos [dias] 09 e 10. Mais ou menos lá para o dia 15 ou 16 eu quero ver se me reúno com todos os governadores dos estados amazônicos e quero ver se [me] reúno com todos os prefeitos das áreas que têm mais queimadas, para a gente fazer um pacto de verdade, para a gente acertar o que é de direito de cada um, qual é o papel do prefeito, o que ele tem que fazer, qual é o papel do governador, qual é o papel do presidente da República, qual é o papel do Congresso. Se a gente fizer isso, a gente vai perceber que todo mundo vai viver em paz, tranqüilo, e a gente vai produzir muito mais. O que eu quero? O que eu desejo na vida? O que eu desejo na vida é que o povo brasileiro, sobretudo a parte mais pobre da população, possa viver dignamente, ou seja, as pessoas trabalharem, as pessoas poderem ter acesso ao crédito do Banco do Brasil, as pessoas poderem ter uma casa boa. Não tem nada mais delicioso do que uma dona de casa ter uma casa digna. Pode ser humilde, mas que seja digna essa casa. Que as pessoas trabalhem, que as crianças tenham escola. E essa legalização vai permitir que tudo isso aconteça.

Minc, falta uma coisa que nem eu, nem você, nem o Blairo, nem o Eduardo Braga, nem a Dilma, nem o governador Ivo Cassol, nem a Ana Júlia e nem o Guilherme falamos. Eu estava comentando com o companheiro Blairo Maggi. Às vezes a gente vem aqui, faz discursos maravilhosos, falamos, falamos, mas tem um burocrata lá na capital, em Cuiabá, tem um burocrata na prefeitura, tem um monte de burocratas lá em Brasília, e a gente fez um discurso aqui, presidente, governador e ministros, mas ele não ouviu. Quando chegar para ele fazer, como ele não ouviu, ele fala: “Por que eu tenho que fazer isso? Eu não vou fazer isso. Eu não gosto disso”.

Então, eu queria propor que a gente apresentasse, para este programa, um número telefônico, um número tipo 0800, 035, para que as pessoas



pudessem reclamar: “Aqui não está acontecendo o que vocês prometeram. Aqui não está”. Eu vou dar um exemplo disso: a gente pode colocar um *call center* e colocar gente para cuidar direitinho.

Este país ficou 25 anos sem crescer. Este país... Nesses 25 anos, teve a Constituinte. A gente criou uma máquina de fiscalização poderosa e não criamos uma máquina de execução, porque ela foi falida, porque tentaram destruir, porque chamaram os funcionários públicos de marajás e tentaram detonar. Então, tem uma máquina de execução ganhando um terço do que ganha a máquina de fiscalização neste país.

Nós sabemos que temos que fazer muita coisa para destravar o País, para destravar. Essa política nossa de regularização de títulos fundiários na Amazônia é a maior demonstração que a gente vai dar ao mundo. Nós vamos dizer: lá nós temos todo mundo com o título da terra, nós sabemos a área em que vai plantar, nós sabemos a área em que vai criar isso, a área em que vai criar aquilo. Agora, vocês, por favor, paguem para que a gente mantenha a nossa floresta em pé e a gente possa ajudar os pequenos produtores a trabalharem dignamente.

Querida companheira Dilma, querido companheiro Cassol, querida companheira Júlia, querido companheiro Blairo, eu quero pedir desculpas e paciência para vocês porque nós falamos demais, mas também nós gostamos demais de vocês.

Um abraço. Que Deus abençoe o povo do Mato Grosso, o povo do Pará, o povo de Rondônia, o povo de Nova [Alta] Floresta e o povo do Brasil.

Um beijo, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)